

A BÍBLIA: UMA APROXIMAÇÃO

*Introdução à leitura dos textos sagrados, conduzida a partir do
Catecismo da Igreja Católica*

Sessão 1. A Sagrada Escritura — A Revelação de Deus

(CIC 50–73, resumo 68–73; CCIC 6–10)

O elemento central da nossa religião é um Deus que se *entrega* à humanidade, não só pela Paixão, mas ao longo de toda a história, através da Revelação, *sem a qual não poderíamos compreender ou sequer conceber a Sua morte para nossa salvação*.

Sem o reconhecimento da Revelação e da Tradição que lhe está associada, o que nos fica da Paixão é o “Jesus histórico”, o estranho personagem inventado por uma escola de cépticos que paradoxalmente recusa o testemunho dos principais registos históricos que se referem a Jesus e que apenas pode subsistir num limbo de insanidade entre megalómanos e visionários.

Temos, portanto, o nosso ponto de partida:

CIC 68 «*Por amor, Deus revelou-se e deu-se ao homem. Dá assim uma resposta definitiva e mais do que suficiente às questões que o homem se põe sobre o sentido e o fim da sua vida.*»

Esta breve asserção tem a virtude de nos interpelar para uma reflexão radical sobre o modo como interpretamos a Revelação de Deus e os matizes em que ela difere daquilo que os restantes saberes e conhecimentos têm proposto à humanidade ao longo dos tempos.

Por vezes, ouvimos algumas pessoas lamentarem-se de que “a vida não vem com manual de instruções” — na verdade, elas só o podem afirmar em virtude de uma grande ignorância, pois *a Revelação é precisamente isso mesmo*: o mais completo tratado para uma vida feliz! Isto implica que a Revelação oferecida por Deus à humanidade não pode ser um código monolítico nem cristalizado no tempo. Bem pelo contrário, ela deve conter todos os ensinamentos necessários e suficientes para que cada um dos seres humanos situado num espaço e numa época precisos, ou seja, ao longo de todas as eras da história, em todas as geografias do mundo e envolvido nas situações mais diversas, possa seguir uma vida justa, boa e conforme a todas as expectativas do Criador.

Contudo, seria um profundo erro acreditar que a Revelação fosse uma compilação de técnicas ou procedimentos que nos permitissem adquirir poder sobre Deus, a natureza ou os outros para dominar o mundo em benefício próprio, ou que ela não passasse de um infalível guião para levar uma vida confortável e isenta de problemas. Bem pelo contrário, as Escrituras apresentam um conjunto de ensinamentos e exemplos sobre a forma como cada indivíduo se pode dominar a si mesmo e aos seus instintos decaídos com o objectivo de *viver em harmonia com o Universo, a Natureza e a restante Humanidade, no respeito pela sua própria Pessoa, pela dignidade de todos os Irmãos, incluindo os mais perversos, e pela generosidade de Deus na Criação*.

De acordo com a perspectiva cristã, o sentido e o fim da vida humana não se limitam a uma esfera individualista nem estão associados à fruição egoísta de bem-estar. Embora as Escrituras reconheçam o protagonismo de cada um dos indivíduos nos desígnios de Deus e a importância que ele tem para os irmãos, a felicidade cristã consiste essencialmente na *consciência do sentido da vida de cada pessoa nos desígnios de Deus* — assim, podemos dizer que cada indivíduo será como uma pequena engrenagem no grande relógio da Criação.

Resta acrescentar que não é por a Revelação ser “definitiva e suficiente” que ela é integralmente inteligível para qualquer ser humano: se é verdade que “Deus não nos pode enganar”, é igualmente verdade que é muito fácil ao ser humano enganar-se sobre Deus.

•

O ímpeto do ser humano para a transcendência, expresso, por exemplo, através da utilização de sepulturas, da arte rupestre ou dos complexos sistemas de mitos, é uma característica que os antropólogos observam desde as eras mais recuadas. No contexto das culturas pagãs, genericamente cristalizadas nas culturas da Antiguidade Clássica, trata-se,

por exemplo, de uma ideia contida na famosa afirmação de Tales de Mileto, filósofo grego do séc. VII-VI a.C., segundo a qual “O mundo está cheio de Deuses”.

Os antropólogos contemporâneos designam esta experiência como “religião natural”, mostrando como para os seres humanos de todo o planeta tudo quanto existe pode apontar para uma realidade superior e mais significativa.

“Mercê da experiência do sagrado, o espírito humano captou a diferença entre o que se revela como **real, poderoso, rico, significativo**, e aquilo que se mostra desprovido dessas qualidades, isto é, **o fluxo caótico e perigoso das coisas, os seus aparecimentos e desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido**. Em suma, o sagrado é um **elemento estrutural da consciência** e não uma fase da história dessa consciência.”

Mircea Eliade. *História das Ideias e Crenças Religiosas*. Porto: Res, [c. 1986], p. 7

Assim, as afinidades que muitas das manifestações religiosas naturalistas apresentam com as Escrituras não devem ser vistas com receio, pois podem simplesmente atestar a actividade incessante do Espírito Santo entre os homens, procurando resgatá-los de uma vida decaída na servidão. Em consequência:

CIC 69 «Deus revelou-se ao homem, comunicando-lhe gradualmente o seu próprio mistério, por acções e por palavras.»

Embora este artigo do Catecismo se refira ao Antigo Testamento, devemos frisar que a consciência da dimensão histórica da escatologia cristã está contida em muitas afirmações de Jesus. Em particular Jo 14,25-26, onde se encontra descrito o conceito de *progresso como processo*: «Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco; mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse.» Note-se como o projectado “ensino de tudo” pelo Espírito Santo se encontra associado à “recordação de tudo quanto vos disse” — ora, esta recordação de tudo quanto foi dito por Jesus para onde poderá apontar, senão para os próprios Evangelhos? Assim como, através deles, para todas as Escrituras, incluindo o Antigo Testamento. Vemos, portanto, como o progresso no conhecimento humano deve corresponder, necessariamente, a um igual progresso no conhecimento das Escrituras.

Sobressai, então, a importância das Antigas Escrituras como registo das **etapas cruciais** desse longo processo de Revelação que prepara a Redenção, o momento histórico de inflexão que irá dar início ao processo de reconstituição definitiva do Reino de Deus.

CIC 70 «Além do testemunho que dá de si mesmo através das coisas criadas, Deus manifestou-se aos nossos primeiros pais. Falou-lhes e, depois da queda, prometeu-lhes a salvação e ofereceu-lhes a sua aliança.»

Apontando aqui para a excelência da Criação atestada no próprio texto sagrado, o Catecismo remete igualmente para as provas naturalistas da existência de Deus exploradas por São Tomás de Aquino, na esteira do filósofo grego Aristóteles.

Convém recordar com insistência que a “Queda Original” não consiste numa “prevaricação” cometida por Eva perante o alheamento displicente de Adão, mas sim na *rejeição dos desígnios de Deus pelo ser humano*. Foi pela Queda Original que humanidade transformou a liberdade recebida através de Deus na Criação num instrumento de satisfação de desígnios egoístas de poder e fruição, em lugar de convivência harmoniosa com Deus, a natureza e os irmãos. A recusa dos desígnios de Deus é o principal, senão o único, obstáculo do ser humano para a felicidade, ou seja, para uma *vida plena de sentido*.

Após a Queda Original e o afastamento do ser humano dos desígnios do Criador, Deus vai-se revelando progressivamente à humanidade para a reconduzir em liberdade à Casa do Pai. A primeira parte desse trajecto fica concluída na vigência do Antigo Testamento.

CIC 71 «Deus concluiu com Noé uma aliança eterna entre Si e todos os seres vivos. Essa aliança durará enquanto durar o mundo.»

CIC 72 Depois, «Deus escolheu Abraão e concluiu uma aliança com ele e os seus descendentes. Fez deles o seu povo, a quem revelou a sua Lei por meio de Moisés. E preparou-o, pelos profetas, a acolher a salvação destinada a toda a humanidade.»

Finalmente, a Revelação é endereçada a todo o género humano, e a Boa Nova dá a todos os que receberem Jesus e nele acreditarem “**o poder** de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1,12)!

Registe-se com a maior atenção que se encontra aqui a *proclamação fundamental da Boa Nova*, ou seja, o conteúdo mais importante de toda a Revelação — a **dádiva suprema da filiação de Deus** a cada um dos seres humanos. Meditemos, porém, na afirmação segundo a qual *o indivíduo não recebe de forma passiva esse dom* — aquilo que ele recebe é o **poder** de concretizar o dom oferecido, através de uma abertura de coração que supõe uma conversão permanente, activa e esclarecida. Assim, trata-se de um dom que não nos é nem imposto nem concedido automaticamente — antes, **temos de o acolher em liberdade**:

CIC 73 «Deus revelou-se plenamente, enviando o seu próprio Filho, no qual estabeleceu a sua aliança para sempre. O Filho é a Palavra definitiva do Pai, de modo que, depois d’Ele, não haverá outra revelação.»

Como vimos atrás, o facto de a Revelação ser definitiva e completa não significa que ela seja integralmente acessível à inteligência finita de cada um dos indivíduos, situado sempre num espaço e num tempo determinados. Na verdade, como tem demonstrado a própria história da Igreja — aliás, na sequência da promessa de Jesus —, é a própria obra do Espírito Santo entre os fiéis que vai permitindo um gradual e sucessivo aprofundamento do significado das Escrituras ao longo dos tempos. No fundo, é natural que a Revelação de um Deus criador, perfeito e infinito constitua um profundo **Mistério** que apenas progressivamente o ser humano pode ir abarcando. Esta situação de carência não nos deve surpreender de forma alguma, pois o próprio Deus-Filho confessa que há coisas que apenas ao Pai é dado saber: «O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. Quanto a esse dia ou essa hora, ninguém os conhece: nem os anjos do Céu, nem o Filho; só o Pai» (Mc 13,32).

Este anúncio não carrega consigo um fim, uma conclusão ou um epílogo. Trata-se antes de um preâmbulo — uma advertência para que permaneçamos bem alerta nesta que é a Era do **Espírito Santo, aquele que vive bem mais próximo de nós** e com o qual nos devemos encontrar em diálogo permanente no nosso coração:

“Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar o galo, se de manhãzinha; não seja que, vindo inesperadamente, vos encontre a dormir. O que vos digo a vós, digo a todos: vigiai!”

Mc 13,35-37